

A PESCA E O PESCADOR DE CAMARÃO DO BAIXO SÃO FRANCISCO – O CASO DA COMUNIDADE DE PONTA MOFINA, PENEDO

Kelle Andrade do Carmo¹
Petrônio Alves Coelho Filho²
Ticiano Rodrigo Almeida Oliveira³

RESUMO

A pesca artesanal tem grande relevância social e econômica para a população do Baixo São Francisco é uma das atividades mais antigas praticadas no Brasil, sendo principal fonte de renda para diversas famílias. Diante da importância desta atividade, este artigo teve como objetivos identificar o perfil socioeconômico dos pescadores de uma comunidade da região, conhecer as características da atividade praticada e fazer uma análise da percepção desses pescadores acerca do ambiente em que estão inseridos. A pesquisa realizada entre outubro e novembro/13 utilizou observações *in situ* e entrevistas semiestruturadas, contando com a participação de 100% dos pescadores da comunidade. A análise dos dados mostra que os pescadores são em sua maioria do sexo masculino, com média de idade de 37 anos e escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto, a principal fonte de renda é a pesca, mas outras atividades são necessárias. A pesca que ocorre no rio São Francisco é realizada somente durante o dia com tempo determinado e sob o *stock* de camarão com a utilização de apetrechos denominados covos, confeccionados com madeira e garrafas PET, a comercialização na grande maioria é feita uma vez por semana ao atravessador com o camarão já devidamente processado. Um dos petrechos utilizado foi apontado pelos próprios pescadores como sendo um dos problemas da atividade na região, além da poluição e pouca vazão do rio. A pesca garante aos ribeirinhos uma fonte permanente de renda e necessita de um plano de manejo para proteção tanto do recurso explorado como da própria atividade.

Palavras-chave: Pesca artesanal; Camarão; Apetrecho. Manejo.

FISHING AND FISHERMAN'S SHRIMP LOW SAN FRANCISCO - THE CASE OF PONTA MOFINA COMMUNITY, PENEDO

ABSTRACT

The artisanal fishery has a great social and economic importance for the population of the Lower São Francisco is one of the oldest activities practiced in Brazil, the main source of income for many families. Given the importance of this activity, this article aimed to identify the socioeconomic profile of the fishing community in the area, know the characteristics of practiced activity and to analyze the perception of these fishermen about the environment in

¹ Pesquisadora (I.C.) do Curso de Graduação em Engenharia de Pesca da UFAL/Unidade Penedo/AL <kelleandrade2011@hotmail.com>

² Doutor em Oceanografia Biológica (Universidade de São Paulo). Professor Adjunto do Curso de Engenharia de Pesca e Pesquisador do Laboratório de Carcinologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Unidade Penedo.<petroniocoelho@ufal.br>

³ Mestre em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (Universidade do Estado da Bahia). Professor Adjunto do Curso de Engenharia de Pesca e Pesquisador do Laboratório de Etnoecologia Pesqueira da Universidade Federal de Alagoas - UFAL/Unidade Penedo <ticiano.rodrigo@gmail.com>



which they live. The survey conducted between October and November / 13 used in situ observations and semi-structured interviews, with the participation of 100% of community fishermen. Data analysis shows that fishermen are mostly male, with a mean age of 37 years and education related to incomplete primary education, the main source of income is fishing, but other activities are necessary. The fishing that takes place in the São Francisco River is carried out only during the day with given time and in the stock of shrimp with the use of gear called creels made with wood and PET bottles, the marketing in the vast majority is done once a week to middleman with the shrimp already been processed. One of fitting equipment used was appointed by the fishermen themselves as one of the activity of the problems in the region, as well as pollution and low river flow. Fishing guarantees bordering a permanent source of income and requires a management plan to protect both the exploited resource as the activity itself.

Keywords: Small-scale fishing. Prawn. Fishing gear. Management.

JEL: Q22

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Baptista (2011) existem dois tipos de atividades pesqueiras: a industrial, que se caracteriza pela presença de embarcações de maior porte concentração de investimentos em instalações terrestres, utilização de aparelhos e métodos de pesca modernos e seleção de espécies para a captura; e a artesanal, que varia de uma atividade de subsistência simples com tecnologia rudimentar para uma em que a produção é comercializada em colônias de pescadores ou sob a liderança de pequenos proprietários ou armadores de embarcações.

A pesca artesanal é considerada uma das atividades mais antigas exercidas pelo homem. Além de promover o desenvolvimento social e econômico da comunidade, essa atividade proporciona a seus atores uma ampla diversidade cultural e um vasto conhecimento acerca do ambiente e da espécie capturada (RAMIRES et, al. 2012). Mesmo com o passar dos tempos, a ação de pescar continua sendo fundamental na vida de homens e mulheres ao longo de diversos ambientes aquáticos (LIMA; e MELO, 2013).

Estima-se que hoje no Brasil existem aproximadamente 1 milhão de pescadores artesanais e aproximadamente 45% da produção anual de pescado desembarcada venham da pesca artesanal (MPA, 2014). Mesmo com toda essa importância, a atividade não é prioridade para as políticas públicas brasileiras e muitas vezes encontra-se à margem dos direitos adquiridos pela má gestão e principalmente pela falta de conhecimento, tanto da atividade em si quanto das comunidades que dela sobrevivem.

Na pesca artesanal, o pescador atua sozinho ou em parceria com familiares para capturar o pescado, usando instrumentos simples e geralmente explorando ambientes próximos a sua residência, e na maioria dos casos, os saberes e experiências adquiridos são repassados por gerações. Como afirma OLIVEIRA (2012), pescadores artesanais situam-se em uma categoria especial chamada “pescadores agricultores”, categoria de população não-tradicional que se encontra espalhada pelo litoral em rios e lagos com modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que tenha outras atividades econômicas como extrativismo vegetal, artesanato e a pequena agricultura.

Os pescadores artesanais mantêm contato direto e diário com o ambiente, por isso acumulam um vasto conhecimento acerca das espécies que estão submetidas a seus apetrechos, como a melhor época de pesca, a biologia e o comportamento das espécies, as influências ambientais e o estado de utilização do pescado. Mas, como cita Souza *et. al* (2012, p. 1), “tais conhecimentos ainda não são devidamente aproveitados no que diz respeito a manutenção e uso sustentável dos recursos dos quais necessitam para viver”. RAMIRES *et. al* (2012) afirmam que “os conhecimentos sobre o meio de exploração, as condições de maré, o uso e manipulação dos apetrechos de pesca e a identificação dos estoques pesqueiros são um conjunto de elementos que caracterizam a pesca artesanal”. A relação dos conhecimentos adquiridos pelos pescadores e aqueles gerados através de pesquisas científicas, permitem por meio de vários pontos de vista, uma análise contextualizada e conectada à realidade dos pescadores (MONTENEGRO *et al*, 2001).

Os pescadores fazem parte de uma rede ecossistêmica e suas interações não devem ser observadas apenas do ponto de vista do uso e apropriação dos recursos, mas, no contexto das relações sociais. No que se refere a tomada de decisões, eles estão diariamente não só como “forrageadores” que procuram fazer escolhas ótimas, mas também se comportam como fiscalizadores do ambiente (MONTENEGRO *et al*, 2001).

Os estudos com as comunidades e o ambiente levam em conta dois componentes inter-relacionados e interdependentes: as situações práticas de vida na comunidade estudada, atentando para a cultura e tradições locais e a utilização sustentável dos recursos naturais locais (CLAUZET; RAMIRES; BARRELLA, 2005, P. 2).

A atividade pesqueira remonta desde a pré-história até dias atuais. Desde então as técnicas e necessidades vem sofrendo alterações. Antes as maiores necessidades estavam envolvidas apenas com alimentação, porém hoje, há também o interesse da ciência nessa atividade, para que se possa conhecer o sistema aquático. A pesca não se resume apenas a extração dos recursos, mas, há uma série de situações que merecem atenção como conflitos que envolvem pescadores, sindicatos e outros órgãos oficiais. Por trás do ato de pescar existem várias relações sociais: a família, os companheiros, os pescadores (artesaniais e/ou industriais) entre outros. A pesca não é um assunto somente ambiental, existem também questões políticas e econômicas, ou seja, uma parcela da sociedade que está diretamente envolvida com os recursos pesqueiros (BAPTISTA, 2011).

O Baixo São Francisco, mais especificamente a microrregião de Penedo, é uma área de grande potencial pesqueiro, devido aos seus diferentes ecossistemas, tais como estuarino, marinho e dulce-aquícolas lóticos e lênticos (SOARES et. al, 2010, p.62). Porém, neste complexo de ecossistemas, a atividade pesqueira vem sofrendo ao longo do tempo com as alterações antrópicas, o que deve ser levado em consideração, uma vez que afetam diretamente famílias da região em situação de vulnerabilidade econômica.

Desta forma, através desse trabalho foi possível descrever alguns aspectos da pesca e do pescador de camarão em uma comunidade pesqueira tradicional no Baixo São Francisco, através da descrição de suas características sócio econômica, da atividade pesqueira realizada e da percepção ambiental.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na Comunidade de Ponta Mofina (10°23'04" Sul e 36°32'50" Oeste), situada às margens do Rio São Francisco (Figura 1). Pertencente ao município de Penedo (Alagoas, Nordeste do Brasil) da qual dista aproximadamente 11,6 Km, Ponta Mofina está localizada em uma região de clima tropical com a média anual de pluviosidade é de 1.200mm/ano, sendo o novembro o mês mais seco (34 mm) e maio o de maior precipitação (220mm).

Figura 1 - Mapa de localização da comunidade



Fonte: Google Earth, 2014

Para a obtenção dos dados, foram realizadas entrevistas a 42 pescadores durante os meses de outubro e novembro de 2013, utilizando-se questionários semiestruturados que abordaram os seguintes aspectos: gênero e geração, escolaridade, orçamento familiar e atividades secundárias, estratégias e apetrechos utilizados, o tempo e frequência da pescaria, espécies frequentemente capturadas e forma de comercialização.

A técnica utilizada para o levantamento desses dados foi a “*Snowball Sampling*” ou “amostragem bola de neve” (MONTEIRO et al. 2012) - amostragem não probabilística na qual cada entrevistado indica outro pescador para posterior entrevista até que o pesquisador tenha abrangido a maior parte ou todos os pescadores (SANTOS; SAMPAIO, 2013, p.516).

Posteriormente, todos os dados obtidos foram digitados na planilha eletrônica do Microsoft office Excel 2007®, sendo aplicadas algumas técnicas da estatística descritiva para tratamento dos dados, de onde foi possível obter as porcentagens e as médias necessárias para construção de gráficos e tabelas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Gênero e geração

A pesca realizada na comunidade é predominantemente artesanal, devido à utilização de embarcações e apetrechos rudimentares. A pressão de pesca é exercida totalmente sobre o camarão da espécie *Macrobrachium acanthurus*, encontrado em abundância na região do baixo São Francisco, fato que segundo os próprios pescadores se dá pela falta de outras espécies encontradas anteriormente na região. É realizada próximo as residências e executada por um ou no máximo dois indivíduos, geralmente parentes próximos como filhos, irmão ou a esposa. Situação parecida foi encontrada por Costa-neto & Marques (2001), em estudo realizado na comunidade Siribinha, Bahia, porém é uma atividade praticada principalmente pelos homens que foram 95,23% de presença nas entrevistas. As mulheres representaram somente 4,76%, sendo estas responsáveis pelo beneficiamento do camarão (57,14%) sistema que consiste na limpeza e posterior cozimento realizado em casa logo após a chegada do camarão, sendo denominadas de marisqueiras.

Segundo (Condini *et al.*, 2007; Silva *et al.*, 2007; Porcher *et al.*, 2010; Lima & Velasco, 2012 *apud* SANTOS; SAMPAIO, 2013, p. 516) essa realidade local está de acordo com dados apresentados em trabalhos que identificam a pesca artesanal no Brasil como atividade predominantemente masculina, enquanto que o beneficiamento desses organismos está associado quase que totalmente as mulheres (Di Ciommo, 2007; Martins, 2008; Lima & Velasco, 2012; Walter *et al.*, 2012 *apud* SANTOS; SAMPAIO, 2013, p. 516). Na comunidade a pesca é uma atividade praticada por adultos com média de idade de 37 anos, não sendo constatada a participação incisiva de crianças.

3.2 Escolaridade

Com relação ao grau de escolaridade, foi possível observar que dos 42 entrevistados, 90,47% não concluíram o ensino médio, chegando a cursar apenas os primeiros anos do ensino fundamental, 7% concluíram o ensino fundamental e somente 2% desses pescadores terminaram o ensino médio, corroborando com Alencar (2011, p.17), que demonstrou que a maior parte dos pescadores brasileiros tem apenas o ensino fundamental incompleto, estando o nordeste em primeiro lugar

neste quesito, fato semelhante ao encontrado por BENTES, et al. (2012), MONTEIRO, et al. (2012), RAMIRES, et al. (2012) SANTOS e SAMPAIO (2013). Oliveira (2012) observou condição diferente no povoado de Resina, município de Brejo Grande – SE, onde predomina o analfabetismo entre os pescadores. Segundo Santos e Sampaio (2013, p.517) o baixo nível de instrução desses pescadores parece ser uma tendência da pesca artesanal não sendo uma exclusividade apenas de comunidades suburbanas. Para Nishida (2008 apud SANTOS E SAMPAIO 2013, p.517) a idade em que os pescadores iniciam suas atividades na pesca pode justificar o baixo nível de escolaridade, pois a necessidade de contribuir com a renda familiar, a incompatibilidade entre os horários da pesca e da escola e a falta de estímulo para estudar podem contribuir para a evasão escolar. Não foi constado o analfabetismo entre os pescadores mesmo os mais velhos, e estes demonstram atualmente grande preocupação com a educação de seus filhos não os obrigando a participar da atividade desde que frequentem a escola regularmente. Fato que pode estar relacionado com a atual política de inclusão social do governo brasileiro e ao cumprimento da legislação brasileira que pune os pais ou responsáveis pela negligência na educação de seus filhos (Santos e Sampaio 2013, p.517).

3.3 Renda

A pesca sempre foi a atividade de subsistência mais praticada na comunidade, junto a agricultura familiar, até mesmo como forma de complemento da renda, e como saída para a falta de emprego que existe na comunidade. Mas já há algum tempo esta atividade não garante sozinha o sustento das famílias, pois, segundo os pescadores, o rio já não tem mais força para suportar tanta extração de seus recursos, e isso faz com que os moradores, em especial os homens, busquem outras atividades. Ainda assim, a pesca foi citada por 100% dos entrevistados como sendo a principal fonte de renda com média de R\$ 666,67 somente da comercialização do camarão, que é vendido a R\$ 5,00 ou R\$ 6,00 o litro. Porém, a renda total familiar, que a soma de toda a renda da família junto com a pesca, foi de aproximadamente R\$ 725,00 sendo citadas fontes de renda auxiliares como auxílios governamentais (71,43%); a agricultura (7,14%), empresas privadas (23%), conforme descritos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil socioeconômico dos pescadores de uma comunidade do Baixo São Francisco Out – Nov 2013

Informações	Resultados (n=42)
Gênero	Masculino: 95,23%
	Feminino: 4,76%
Faixa etária	Idade máxima: 58 anos
	Idade mínima: 16 anos
	Idade média: 37 anos
Escolaridade	Fundamental incompleto: 90,47%
	Fundamental completo: 7,14%
	Ensino médio completo: 2,38%
Nº de moradores na mesma casa	Máximo: 8
	Mínimo: 2
	Média: 4,48
Tempo de profissão	7,14% pescam a 40 anos
	28,57% entre 22 e 35 anos
	30,95% entre 10 e 18
	33,33% entre um mês a 1,6 anos

Fonte: Pesquisa de campo (2013)

3.4 Apetrechos

O apetrecho utilizado na captura do camarão é o covó, armadilha passiva fixa em formato cilíndrico confeccionado em três diferentes tipos de materiais: tela PVC, garrafa PET e de tala ou taboca. Nesta modalidade, 54,76% dos pescadores executam a pescaria com covos de tela com uma média de 209 covos e 23,81% com covos de garrafa PET “covos de bujão” em média 623 covos. Essa média mais alta que a anterior se deve, segundo os próprios pescadores, ao fato de a matéria prima para a confecção desse apetrecho ser de fácil acesso e confecção. 11,90% pescam com os dois tipos de apetrechos, a tela com média de 275 covos e “bujão” média de 176 covos e somente 2,38% pesca com o covó de taboca com 160 covos. O apetrecho utilizado na pescaria é confeccionado pelos próprios ribeirinhos em suas casas. Na confecção do covó de tela é utilizado tela plástica (PVC), quatro arcos também de PVC que dão sustentação e predem as “sangas”, dois pedaços da mesma tela afunilados colocados numa das extremidades do covó uma após a outra com o intuito de manter o pescado dentro do covó, a outra extremidade é fechada

também com a tela, todas as amarrações são feitas com fios monofilamento, e na lateral é feito uma saída a “porta” para a retirada do pescado. Possui entre 30 e 40cm de comprimento e aproximadamente 50cm de diâmetro com malha de 1X1cm, segundo Santos e Sampaio (2013, p.516) “armadilhas semelhantes são utilizadas em muitos lugares do Brasil e do Mundo”.

Após a confecção do covão o pescador então dispõe a groseira, composta por uma linha principal e aproximadamente 30 covos presos a essa linha, numa das extremidades é colocado algum tipo de boia para que o pescador não perca o ponto de pesca. Na despesca não é preciso mergulhar, apenas puxar a linha principal e trazer o covão um a um para dentro do barco, tirar o camarão colocar outra isca e devolver o covão para o rio, além da isca são colocados pesos, geralmente pedras dentro do covão para que este não venha para a superfície (Fig. 2). A confecção do covão de tala é semelhante ao citado anteriormente, porém, a matéria prima utilizada é a taboca e para as amarrações são utilizadas fibras naturais, os cipós de imbé, possuem aproximadamente 32 cm de comprimento e 47 cm de circunferência e menos de 1cm entre uma “tala” e outra, forma como é chamado a taboca depois de cortada em varetas finas que darão origem ao covão. Nesse caso o covão fica preso a uma vara dentro do rio, e para a despesca é necessário que o pescador mergulhe, por isso dependem de tempo de maré, para retirar o pescado e repor a isca e também se preciso colocar um peso (Fig. 2). O covão de garrafa PET tem aproximadamente 20cm de comprimento e 31cm de circunferência e para sua confecção é recortada a “boca” da garrafa, como dizem os próprios pescadores, que será virada para dentro da garrafa servindo de “sanga”, ou seja, de entrada para o pescado, depois são feitos pequenos furos de menos de 1cm de diâmetro em toda a extensão do covão para que a água escape e o pescado fique retido. Com este tipo de covão também são utilizadas varas, mas, somente para encostar o covão e marcar o ponto onde se encontra, e não para amarrar como no caso anterior, pois o que permite permanência no local são os pesos, as pedras. Neste caso também é necessário o mergulho no ato da despesca e reposição da isca e do peso (Fig. 3). Como não existe uma amarração esse tipo de covão pode ser perdido muito facilmente sendo depositado no fundo do rio poluindo e servindo para pesca fantasma. As iscas usadas para atrair o camarão vão desde “o bolo de covão” feito com pó de arroz a batata e coco.

Figura 3 - covo de tela Figura 4 - covo de tala Figura 5 - covo de PET



Fonte: Foto de CARMO, K. A. (2013)

3.5 Produtividade, faina e embarcações

Devido à grande importância que a atividade tem como fonte de renda para as famílias os pescadores da comunidade atuam na pesca todos os dias, durante todo o ano, mesmo em épocas de proibição que vai de dezembro a março e a quantidade de camarão pescado varia muito, não sendo possível um número exato, de acordo com os pescadores a média é de 6,25L/d com mínimo de 2L e máximo de 12L. Em geral o horário de preferência para a pesca, que dura em média 3,5 h/d, para a maioria (64,29%) foi durante a manhã, pelo fato dos ventos não atrapalharem a despesca e também para evitar sol mais forte. No presente estudo foi citado apenas um tipo de embarcação, o barco de madeira, o que de acordo com Agostinho *et al.* (2005) *apud* Henriques *et al.* 2012 se deve ao baixo custo de aquisição e manutenção desse tipo de embarcação. São fabricados geralmente em outras localidades tem em média 6,70m de comprimento, segundo Santos e Sampaio (2013, p. 517) nessa categoria incluem-se as embarcações construídas com tábuas de madeira industrializadas e encaixadas, com dimensões que variam de 6 a 7 metros de comprimento e 0,8 a 1,2m de boca e que são movidas a velas, remos ou motores. A grande maioria possui embarcações próprias (83,33%) e utilizam o sistema de propulsão a motor (rabeta).

3.6 Interações ecossistêmicas

Somente os pescadores são capazes de perceber e apontar os principais impactos pelos quais passa o ambiente em que pratica sua atividade e suas informações são de extrema importância para a tomada de decisões sobre a pesca. Segundo DIEGUES (1983 Apud RODRIGUES, A.M.T., 2000) no que se refere às relações que os pescadores artesanais mantêm com os ecossistemas tem-se apontado o conhecimento e dependência que possuem do ambiente e o que os caracteriza é, sobretudo a apropriação dos meios de produção e o controle do que e como pescar.

Ao serem perguntados sobre quais seriam os melhores meses para a pesca do camarão na região 57,14% responderam os meses de verão, dezembro a março, pois, sendo estes os meses mais quentes do ano, favorecem o crescimento do camarão e uma maior captura. 33,33% falaram meses diversos enquanto 7,14% afirmaram não ter mês específico. Respostas parecidas foram dadas quando foi perguntado sobre o período em que o camarão se encontra com maior tamanho e para 54,76% é no verão, 16,67% entre os meses de setembro a abril, já 16,67% falaram durante todo o ano, pois segundo os pescadores o fator que determina o tamanho do camarão não é a temperatura da água ou o período do ano, mas, sim encontrar um local “descansado”, que não tenha outros pescadores. De acordo com Montenegro, Nordi e Marques (2001, p. 539) “O pescador conhece bem o potencial de cada ponto”.

Pois todo tempo tem camarão grande e pequeno no rio, o que depende é a mudança do lugar, porque descansa o lugar e aí pega uns camarões mais bonito” (pescador, 58 anos).

Marques (1995 *apud* MONTENEGRO; NORDI; MARQUES, 2001, p.539), analisando etnoecologicamente o comportamento de “deixar descansar a lagoa”, ato observado entre pescadores alagoanos, pôs em discussão questões fundamentais sobre sua intencionalidade como mecanismo etnoconservador. Certamente esse tipo de comportamento, mesmo sem intencionalidade, desencadeia uma ação de regulação dos estoques sendo, de fato, um exemplo da ecologia de ação citada por Morin (1997 *Apud* MONTENEGRO; NORDI; MARQUES, 2001, p. 539), cuja essência se baseia na ideia de que as consequências da ação podem escapar das intenções de seus iniciadores. Estas formas de controle, diferentes das proposições externas ou institucionais, são

baseadas no conhecimento acumulado pela comunidade sobre os recursos, e vinculadas às dificuldades do dia-a-dia e a pressão direta e imediata pela sobrevivência. (MONTENEGRO; NORDI; MARQUES, 2001, p. 539).

Com relação a água para 59,52% o melhor tipo de água para a pesca do camarão é água “barrenta” ou escura, água que segundo os próprios pescadores trazem alimento tanto para o camarão quanto para o peixe favorecendo seu crescimento, para 35,71% a água limpa ou clara e na percepção de 4,76% tanto faz ser uma água mais clara ou escura, não faz diferença para o camarão. Sobre a influência da lua, no caso da pesca do camarão do rio, 50% acham que existe algum tipo de influência na maré e, preferindo a lua cheia como melhor fase para a pesca, por deixar a noite mais clara ajudando a camarão a entrar no covão. Para 40,48% a lua não influencia em nada e 11,90% não souberam responder.

Sobre a maré, e esse parece ser o fator que na percepção dos pescadores mais influencia na pesca do camarão, 85,71% preferem a maré pequena, baixa ou maré morta, pois, dizem que os camarões se espalham menos, 7,14% optam pela maré grande, nesse caso, porque o “camarão vai para as beiradas” do rio e para 4,76% não existe uma maré certa. Quando perguntado se existe influência da chuva, 83,33% disseram que a chuva influencia de uma forma boa por deixar a água “barrenta” e por trazer alimento tanto para o camarão quanto para o peixe. Segundo Ramires, Barrella e Esteves (2012, p. 421) “os pescadores artesanais atribuem o sucesso ou fracasso da atividade pesqueira a algumas variáveis de condições ambientais como chuva, lua e maré”, porém a maneira como cada um percebe o ambiente depende muito de suas experiências com o meio. De acordo com Goldschmidt *et al.*(2008 *apud* SOUZA, *et al.* 2012) “cada indivíduo percebe, reage e responde diferente as ações sobre o ambiente. E as respostas são resultados das percepções individuais e coletivas dos processos cognitivos, dos julgamentos e das expectativas de cada pessoa”. A pesca já não é a mesma de tempos passados ao longo do rio São Francisco, antes do represamento da água por diversas usinas hidrelétricas, entre elas a de Xingó situada entre os estados de Sergipe e Alagoas, quando os pescadores contavam com períodos de grandes cheias que traziam as águas “sujas” ou barrentas regulando os recursos para os ribeirinhos, águas que enchiam as várzeas, lagos e lagoas de vida. Porém quando

perguntados se a pesca do camarão mudou depois da construção de Xingó 45,25% responderam que não notaram diferença.

Não vejo diferença, sempre teve camarão e não acaba com represa nem sem ela! (pescador, J. T. 49 anos).

Não vejo diferença, o camarão cresce rápido, pois depende do “cabelo” (pescador, J. T. S. 43 anos).

Para 35,21% dos pescadores a pesca ficou pior, pois o recurso diminuiu e água que antes alimentava o camarão e o peixe agora desce “limpa” e pouca. Já 14,29% falam que teve uma melhora porque as condições do ambiente hoje favorecem o crescimento do camarão.

Melhorou, porque antes não tinha tanto “cabelo” então não tinha muito camarão e agora tem mais (pescador J. B. 50 anos).

Quanto à espécie explorada foi perguntado sobre o período de sua reprodução e 42,86% proferem ser durante o inverno, 26,19% no tempo em que ocorre o defeso, que na região vai de dezembro a março, ou seja, no verão e 33,33% falam que o camarão não tem época certa para a reprodução, pois, durante todo o ano é possível encontrar as fêmeas em estágio reprodutivo. E quando indagados sobre a captura das fêmeas ovadas todos afirmam fazer esse tipo de pesca, porém 88,10% sabem ser um erro e um crime, enquanto 11,90% acham uma prática normal e certa.

“Pesco camarão ovada, é errado, mas, precisamos para sobreviver” (Pescador, 59 anos).

“Pesco camarão ovada, e acho certo é natural! Porque todo tempo tem camarão” (Pescador, 58 anos).

Para entender melhor a ecologia do camarão sobre o olhar do pescador também foi perguntado se existe um local ou ponto determinado para se encontrar camarões grandes e pequenos, e a grande maioria, 76,19% afirmam que os camarões grandes preferem ficar na parte mais profunda do rio onde tem pouca correnteza, poucas algas e também por ser a parte, segundo eles, mais “descansada” do rio, já os menores preferem ficar na parte mais rasa, onde tem mais algas que servem como refúgio e 16,67% alegam que o camarão não tem um local determinado, pois, ficam “misturados” e em qualquer lugar e 7,14% que os camarões grandes preferem ficar onde tem mais algas ou raízes e os menores na

parte rasa. Montenegro, Norde e Marques (2001, p.539) em pesquisa realizada em um trecho do Baixo São Francisco, verificou caso semelhante com relação à espécie *M. carcinus* que antes do represamento das águas pela hidrelétrica de Xingó “os covos eram deixados nas margens atualmente segundo os pescadores os pitus já não estão nos beijos d’água, mas “no meio do rio”“. O tamanho mínimo, segundo os próprios pescadores, do camarão comercializado é em média de 3 cm.

3.7 Interação social e satisfação com a atividade:

Há algum tempo a pesca, seja ela marinha ou praticada em águas interiores, vem dando claras demonstrações de redução, seja pela falta de interesse dos jovens na atividade ou principalmente pela depleção de alguns estoques pesqueiros, mas, a pesca “salva” a renda familiar quando ocorrem altos índices de desempregos em muitas comunidade litorâneas ou às margens de rios, por isso quando indagados sobre as condições de aumento ou redução da pesca 84,86% afirmam que devido à falta de emprego na região a tendência é a pesca aumentar, o que ocasionará, em contrapartida, a diminuição do recurso a ser explorado, “A pesca tá aumentando, porque tem muita gente no rio, por causa do desemprego e pouco camarão” (J.A.S pescador 48 anos). 7,14% não veem diferença. Mesmo assim, 90,48% demonstram estar satisfeitos com a atividade, porque é um meio de sobrevivência digno e principalmente tem total autonomia de sua atividade sendo seu próprio patrão, mas 9,52% vê a pesca como uma atividade apenas para suprir suas necessidades mais urgentes, “Não gosto de pescar, pega pouco camarão, preferia estar empregado” (H.S. 16 anos).

Mesmo com um nível alto de satisfação sempre existe algo que se pode melhorar em qualquer atividade, e na pesca não é diferente, por isso quando perguntados sobre o que poderiam melhorar na atividade, vieram à tona alguns problemas e pequenos conflitos entre os próprios pescadores, tais como furtos, a insuficiente vazão do rio para sustentar os recursos pesqueiros da região, mas a grande insatisfação é com os covos de “bujão” covos feitos de garrafa PET que quando não servem mais são largados dentro do rio e continuam pescando, principalmente os camarões menores, realizando a pesca fantasma além de serem perigosos para a saúde física do próprio pescador. Informação confirmada por

73,81% dos entrevistados que citaram a garrafa PET como o material mais encontrado poluindo os pontos de pesca, além de outros.

Quanto a 26,19% sugerem mais informações sobre o defeso e mais fiscalizações e ainda aumentar o seu período, alguns ainda falam em mudar o defeso para o inverno, pois acham ser esse o período certo. 9,54% gostariam que houvesse assistência técnica para os pescadores e que fosse formada uma associação dentro da comunidade, para fortalecer e dar voz à categoria, 4,76% alertam que diminuindo a poluição do rio já ajuda e outros 4,76% defendem a extinção do defeso do camarão.

4 CONCLUSÃO

De importância fundamental são as pesquisas realizadas nas diversas comunidades que dependem da pesca para que se possa entender em que condições é realizada e qual contribuição econômica trás para as comunidades. Os próprios pescadores é que são os verdadeiros detentores do conhecimento ecológico das espécies e dos fatores ambientais que tanto podem favorecer as pescarias quanto por em risco a atividade, além de poderem se engajar no processo de conservação dos recursos e manutenção da qualidade do meio ambiente. O levantamento do perfil socioeconômico de uma comunidade e o conhecimento das características, dos métodos e apetrechos utilizados contribuem para que órgãos governamentais procurem melhorar a atividade na região estabelecendo programas de gerenciamento pesqueiro voltado para as características próprias da cultura local visando o desenvolvimento da pesca e o manejo sustentável da atividade respeitando a o conhecimento tradicional dos pescadores.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, C. A. G.; MAIA, L.P.; **Perfil Socioeconômico dos Pescadores Brasileiros**. Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará – LABOMAR, Fortaleza, n. 44, p. 12 – 19, 2011.

BAPTISTA, C. P. B. **O conhecimento ecológico local e a percepção ambiental de uma população de pescadores do Rio Grande do Sul**. 2011. 93 f. Tese de Doutorado (Especialização em Biologia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2011.

CLAUZET, M.; RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (Enseada do mar virado e Barra do Uma) no litoral de São Pulo, Brasil. **Revista MultiCiência**. Unicamp. V 4, p. 1-22, maio 2005.

CONDINI, M. V.; GARCIA, A. M.; VIEIRA, J. P.; Descrição da pesca e perfil sócio-econômico do pescador da garoupaverdadeira *Epinephelus marginatus* (Lowe) (Serranidae: Epinephelinae) no Molhe Oeste da Barra de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. **Pan-American Journal of Aquatic Sciences**, p. 279-287, July 2007.

COSTA-NETO, E. M.; MARQUES, J. G. W.; atividades de pesca desenvolvidas por pescadores da comunidade de Siribinha, município de Conde, Bahia: uma abordagem etnoecológica. **Revista SITIENTIBUS Série Ciências Biológicas**. Feira de Santana, Bahia. V 1, p. 71-78, 2001.

ENHIQUES, F. M.; ARAÚJO, M. V. L. F.; SILVA, K. C. A.; CINTRA, I. H. A. **A pesca do camarão da Amazônia *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1862) no município de Cametá, Pará**. In: seminário anual de iniciação científica da UFRA, 10º. 2012, Manaus. **Anais...** Manaus.

LIMA, D. C.; MELO, L. A. **A pesca artesanal no ambiente do rio São Francisco, Brasil**. In: Encuentro de Geógrafos de América Latina, 14º. 2013 Perú.

MONTENEGRO, S. C. S.; NORDI, N.; MARQUES, J. G. W.; Contexto cultural, ecológico e econômico da produção e ocupação dos espaços de pesca pelos pescadores de pitu (*Macrobrachium carcinus*) em um trecho do Baixo São Francisco, Alagoas-Brasil. **Revista INTERCIENCIA**. Venezuela. V 26, n 11, p. 535-540, setembro 2001.

MONTEIRO, M. S.; ARAÚJO, M. V. L. F.; SILVA, K. C. A.; CINTRA, I. H. A. **A pesca do camarão da Amazônia *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1862) em Abaetetuba, Pará, Brasil**. In: seminário anual de iniciação científica da UFRA, 10º. 2012, Manaus. **Anais...** Manaus.

OLIVEIRA, T. R. A. **Meu lugar é o rio: Aspectos identitários e territoriais da comunidade de pescadores do Povoado Resina, Brejo Grande/SE**. 2012. 82 f. Dissertação (mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) – Universidade do Estado da Bahia- UNEB, Paulo Afonso-Bahia, março, 2012.

RAMIRES, M.; BARRELLA, W.; ESTEVES, A. M.; Caracterização da Pesca Artesanal e o Conhecimento Pesqueiro no Vale do Ribeira e Litoral Sul de São Paulo. **Revista Ceciliana**, São Paulo – SP, n. 4, p. 37 – 43, jun 2012.

RODRIGUES, A. M. T; **diagnóstico sócio-econômico e a percepção ambiental das comunidades de pescadores artesanais do entorno da baía da babitonga (sc) : um subsídio ao gerenciamento costeiro**. Florianópolis. UFSC. 200. 223 p.

SANTOS, E. C.; SAMPAIO, C. L. S.; A Pesca Artesanal na Comunidade de Fernão Velho, Maceió (Alagoas, Brasil): de Tradicional a Marginal. **Revista da Gestão Costeira Integrada**, Maceió – AL, n. 13, p. 513 – 514, 2013.

SOARES, e. M.; BRUNO, A. M. S. S.; LEMOS, J. M.; SANTOS, R. B. Ictiofauna e pesca no entorno de Penedo, Alagoas. **Revista Biotemas**. Santa Catarina. V. 24, n 1, p. 61-67, março 2011.

Site de internet

Ministério da Pesca e Aquicultura/MPA. **Pesca Artesanal**. 2014. Disponível em: <<http://www.mpa.gov.br/pesca/artesanal>> Acesso em: 31 out. 2015.